

ESPAÇO ESCOLAR E ENSINO DE GEOGRAFIA: A MÚSICA COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM

Patricia Marques Sampaio ¹
Maria Edivani Silva Barbosa ²

RESUMO

O educador deve estar sempre atento aos fatores e acontecimentos do mundo atual, buscando novos caminhos que levem ao desenvolvimento sócio intelectual dos seus alunos e assim formando cidadãos críticos e capacitados. Ao objetivar analisar o espaço escolar diante da inserção de recursos didáticos com o intuito de compreender como o Ensino de Geografia se apropria dessas ferramentas, elegemos investigar a utilização da música, como recurso de mediação nas aulas de Geografia. Desse modo, utilizamos a abordagem qualitativa para a análise e compreensão da organização do espaço escolar e como a paródia pode ser utilizada no Ensino de Geografia, realizando a pesquisa numa Escola Municipal na cidade de Fortaleza - CE. Nesse sentido, realizaram-se levantamentos bibliográficos, documentais e estatísticos, observação dos sujeitos participantes contando com a aplicação de entrevistas e questionários semiestruturados. Entre os principais resultados, se constata que tal recurso proporciona maior capacidade de compreensão dos conteúdos e evidencia-se construção de diálogos entre educadores e alunos que facilitam os processos de ensino e aprendizagem. Concluímos que devemos pensar a música como possibilidade de revelar não o óbvio, nem somente de tornar didático certos conteúdos, mas como potência reveladora de outros pontos de vista geográficos, como marco de regionalidades e identidades, ou mesmo de experiências geográficas singulares e que é possível ter um elemento lúdico como potencial para reflexão.

Palavras-chave: Espaço escolar, Ensino de Geografia, Recursos didáticos e Música.

INTRODUÇÃO

O profissional contemporâneo tem o perfil que rompe com o modelo tradicional de transmitir apenas as informações e passa a ser um pesquisador fazendo com que a educação fosse criando novas necessidades, tanto em termos de inovações quanto em termos de conteúdo teórico e prático. Na escola, os jovens não se interessam mais pelo ensino, entrando numa era em que não conhecem mais o ambiente que o cercam: pátios de recreio, o bairro onde residem, bibliotecas, laboratórios, os próprios saberes. Levando a crítica à além, pode-se considerar não somente a estrutura física que deixou de ser apreciada, mas a concepção do sentido da escola: a maneira como se pensa nos processos de ensino e aprendizagem, o papel de cada membro nesta Instituição, entre outros aspectos.

Não é somente a Geografia a única disciplina atingida por essas transformações que ocorrem no mundo, mas também todas as outras disciplinas que fazem parte dos currículos

¹ Graduanda do Curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará - UFC, patriciamarquez15pm@gmail.com;

² Professora orientadora: Doutora em Educação Brasileira pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, professora Adjunta do Departamento de Geografia, Centro de Ciências (UFC), edivanisb@yahoo.com.br.

escolares nacionais que em relação ao conteúdo teórico e prático, a Escola ainda não atende às necessidades que foram surgindo com o decorrer do tempo. Os alunos possuem uma curiosidade e uma vontade enorme de aprender e isso lhe é tirado quando a forma de ensinar do professor é memorística e repetitiva e a forma como esses conteúdos são ensinados em sala de aula não tem trazido os resultados esperados (COUTINHO, 2014). Conforme isso é necessário dar encaminhamento a novas metodologias que propiciem uma aprendizagem diferenciada, visto que com o mesmo conteúdo pode ter várias abordagens adotadas pelos professores.

Como ciência, a Geografia busca relacionar os elementos naturais e sociais com base na concepção de que o mundo está em constante transformação, resultando de um processo ininterrupto de transformações que influem diretamente na vida dos indivíduos. Desse modo, ao considerarmos o Ensino de Geografia como algo dinâmico e o espaço escolar como palco dos diferentes conflitos da sociedade em que vivemos, estamos a propor uma mudança paradigmática que torne os processos de ensino e aprendizagem mais significativos. Ao relacionarmos os processos de ensino e aprendizagem de Geografia com os diversos recursos didáticos disponíveis para compreender a complexidade dos conteúdos torna-se mais lúdico e incorporado a uma realidade que muitas vezes parece distante do nosso olhar.

Em virtude disso, a pesquisa-estágio teve seu *lôcus* numa Escola Municipal na cidade de Fortaleza - CE, traçando-se alguns objetivos específicos a serem alcançados: (a) Verificar as possibilidades da utilização de recursos didáticos no Ensino de Geografia; (b) Investigar a utilização da música enquanto recurso de mediação nas aulas de Geografia; (c) Valorizar o uso da música no Ensino de Geografia para além de seu aspecto compreendendo que a mesma pode ser utilizada para facilitar a aprendizagem dos alunos.

Para alcançar o resultado dos objetivos, consideramos que cada sujeito possui uma carga ideológica e visão de mundo, sendo possível se atingir a essência pura das coisas ao observar a atitude dos sujeitos. Após isso, buscamos demarcar os procedimentos metodológicos e operacionais da pesquisa, possibilitando analisar e compreender a organização do espaço escolar, os comportamentos, as falas e o uso da música como recurso didático e lúdico no Ensino de Geografia.

Posteriormente, estabelecemos as técnicas que seriam realizadas, a começar pelo levantamento bibliográfico. Dentre as principais contribuições teóricas, vale a pena destacar Pimenta & Lima (2009) na compreensão do que seria a pesquisa no estágio; Pontuschka, Paganelli & Cacete (2007) no entendimento do ensino e aprendizagem de Geografia; Sato & Fornel (2010), Mosé (2015) e Aquino Júnior (2010) na compreensão do espaço escolar; e, por

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

fim, SILVA (2012), MACHADO (2015) e TAVARES et al. (2017) na compreensão da utilização da música em sala de aula.

Na pesquisa documental, analisamos alguns documentos responsáveis por reger a educação brasileira. Após esses levantamentos, aplicamos questionários semiestruturados com alunos(as) e professor(a) supervisor(a) de Geografia da Escola Municipal de Fortaleza - CE e a realização de intervenções, especificamente com as 3 (três) turmas acompanhadas durante todo o período de Estágio Curricular Supervisionado I, no período de 2018.2.

Esses momentos foram importantes para entendermos como a música poderia ser utilizada no Ensino de Geografia, assim como os alunos e professor poderiam se apropriar de recursos alternativos para tornar o ensino e aprendizagem mais prazerosos e significativos, ao passo que utilizamos a paródia como recurso didático.

METODOLOGIA

Enquanto procedimentos metodológicos, a pesquisa será fundamentada numa abordagem qualitativa, Marconi e Lakatos (2002) apontam que a abordagem qualitativa permite a classificação de distintos tipos de dados, cuja análise pode resultar em diferentes propriedades. Nesses termos, se compreende a organização do ambiente escolar, o comportamento dos alunos e o professor supervisor e em um momento específico como a música entram de forma lúdica, preferencialmente com a criação de paródias, sendo utilizada como recurso didático para criação de um espaço dinâmico e para a realização de uma análise das relações espaciais construídas, principalmente quando contextualizadas no momento histórico de sua criação.

Referente às técnicas empregadas, começamos com levantamentos bibliográficos, incluindo livros, teses e artigos fornecendo subsídio à pesquisa no contexto de base teórica. Essa etapa aparecerá dando sentido a música dentro do contexto escolar, desmistificando seu sentido apenas como ferramenta lúdica e sem importância, mas como um instrumento facilitador à aprendizagem, inserindo-se principalmente nesse contexto a construção de paródias autorais sobre determinados conteúdos da disciplina de Geografia.

Segundo Vieira e Gomes de Sá (2007, p. 107), “a música pode ser um complemento auxiliar das atividades desenvolvidas para interação com alunos nos trabalhos de ensinar e aprender Geografia”. O trabalho pretende promover a interação, a integração e concentração quando tratado nos temas de estudo, tendo em vista um maior protagonismo do(a) aluno(a) na fixação e diálogo com o que está sendo estudado. No que diz respeito ao método aplicado, a pesquisa terá subsídio no método dialético, considerando que o espaço escolar é um construto

social de constante transformação.

Por se tratar de uma pesquisa-estágio desenvolvida numa Escola Municipal na cidade de Fortaleza - CE, foram acompanhadas duas turmas do 6º ano e uma do 7º ano no período da manhã, também tendo como sujeitos investigados os(as) professores(as), diretor e demais indivíduos inseridos no funcionamento da escola para entender como se dá a relação de ambos no espaço escolar e a análise da sua estrutura física e social.

Dando prosseguimento às técnicas desenvolvidas, também empregamos a pesquisa documental, com base na qual levantamos alguns documentos nacionais, estaduais e municipais que regem as leis educacionais, como a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para a Geografia, além de documentos referentes à escola, como a Proposta Político Pedagógica da Escola, os livros didáticos adotados pela escola e o seu regimento interno.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com o professor(a), diretor (a) e coordenadores, ou seja, com os membros da gestão escolar, na qual o modelo escolhido permitirá o entrevistador orientar a pesquisa para que a mesma não seja restrita e sem abertura para novas possibilidades de descobertas. Com os alunos(as) foram aplicados questionários para identificar dificuldades e melhorias na prática docente. Vale destacar, que a pesquisa perpassa pelo tipo pesquisa-ação devido à realização de intervenções em sala de aula, enfatizando o uso da música, preferencialmente criação de paródias como recurso dinâmico no Ensino de Geografia.

Para finalizar, com a autorização e concessão do órgão gestor da escola foram utilizados recursos tecnológicos como celular, especificamente a câmera fotográfica para registrar o campo de situações em sala de aula e o ambiente escolar, o gravador de áudio para arquivamento e comprovação da entrevista que posteriormente fora transcrito para o papel.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA E SUA IMPORTÂNCIA NO “TORNAR-SE PROFESSOR”

É importante salientar que não existe uma receita específica para tornar alguém professor. A formação é uma construção social e intelectual concebida e enriquecida pelo cotidiano profissional com o ambiente escolar com pesquisas, observações e dúvidas, ou seja, sempre vendo o espaço como dinâmico e não neutralizado por uma única visão.

Pimenta e Lima (2009) afirmam que o estágio não pode apenas se limitar à crítica e à prática instrumental, mas deve ser um momento compreendido como pesquisa com base na

ligação intrínseca entre teoria e prática, desenvolvendo, assim, a práxis e ocorrendo a formação de um professor crítico-reflexivo. É um momento de reflexão e intervenção dentro e fora do espaço escolar, perpassando por alunos, professores, estagiários, gestores e comunidade adjacente, inclusive pelas famílias dos alunos, dando origem a um caminho didático para a sua autoafirmação como educador, englobando os saberes do senso comum dos estudantes.

Apenas a observação pela observação e/ou a regência pela regência não são suficientes para a formação de um profissional professor capacitado e transformador. Portanto, o estágio é um meio que pode levar o acadêmico a identificar novas e variadas estratégias para solucionar problemas que muitas vezes ele nem imaginava encontrar na sua área profissional. Ele passa a desenvolver mais o raciocínio, a capacidade e o espírito crítico, além da liberdade do uso da criatividade (ROSSI, 2012).

O caráter heterogêneo e multicultural das populações das instituições escolares, associado às grandes transformações sociais, culturais e científicas da sociedade contemporânea, colocam à escola e aos professores, em particular, novas exigências desconhecidas até à emergência da escola de massas. Atualmente, segundo SILVA (2011) atribui-se aos professores responsabilidades que não se confinam a uma visão restrita do ensinar, numa espécie de professar um conhecimento que está sendo dominado e transmitido de forma unilateral, mas que se torna necessária outra forma de pensar o ensinar para promover um conjunto abrangente e contemporâneo de conhecimentos democratizados pelo acesso à informação.

Quando o professor pergunta, ele não está simplesmente querendo obter respostas que já conhece, mas incentivar o pensamento filosófico e que o educando reflita de maneira nova, considerando métodos alternativos de pensar e agir. Neste ponto, devemos observar o que foi escrito por Libâneo (1994, apud LINHARES et al, p. 8),

“O professor não apenas transmite uma informação ou faz perguntas, mas também ouve os alunos. Deve dar-lhes atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se, a expor opiniões e dar respostas. O trabalho docente nunca é unidirecional. As respostas e opiniões mostram como eles estão reagindo à atuação do professor, às dificuldades que encontram na assimilação dos conhecimentos. Servem, também, para diagnosticar as causas que dão origem a essas dificuldades”.

O estágio é o eixo central na formação de professores, pois é através dele que o profissional conhece os aspectos indispensáveis para a formação da construção da identidade e dos saberes do dia a dia (PIMENTA & LIMA, 2004 apud LINHARES et al, p. 10). Ao estagiar o professor passa a ter uma nova visão sobre educação, levantando-se a procurar novos meios de intervir sobre o ambiente escolar, sala de aula, sociedade, porém, é um

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

processo longo de uma vida.

A junção entre “o que ensinar?” e “como ensinar?”, apontadas com a serem realizadas com recursos didáticos instigam para o desenvolvimento e melhoria de habilidades. Considerando a importância da mediação, Pontuschka (2009, p. 216), chama de “suportes didáticos” os meios que o professor se apropria e os torna uma estratégia metodológica. Ou seja, criar estratégias que acabam por não tornar a aula apenas atraente, mas que aguçam a percepção do estudante. Segundo (OLIVEIRA et al, 2005, p, 74),

[...] Na era da informação fácil, descartável, de utilidade e relevância muitas vezes duvidosa, tem sido cada vez menos atrativo debruçar-se sobre numerosas páginas de textos didáticos, ou mesmo outros recursos ditos convencionais. Isso resulta, muitas vezes, em monólogos, em que os alunos tornam-se meros expectadores, sem nenhuma participação crítica nas discussões eventualmente travadas.

O essencial é levar o aluno ao estímulo da ação, ao interno e externo. Como afirma Ferreira (2001, p. 13), “a principal vantagem que obtemos ao utilizar a música no ensino de uma disciplina é a abertura, poderíamos dizer assim, de um segundo caminho comunicativo que não o verbal – mais comumente utilizado [...]”. A Geografia não deve ser aquela ciência apenas utilizada pelos livros ou a fala do professor em sala, ela se faz cotidianamente e pode ser compreendida de diversas formas.

Ademais, essa pesquisa realizada no estágio permitiu o conhecimento da formação dos professores que já se encontram inseridos no ambiente escolar, e a partir disso, refletir sobre nossas práticas futuras, ao passo que novos elementos referentes às tecnologias, recursos didáticos e como nós docentes precisamos estar aptos a essas mudanças. O educador nunca deixa de ser aluno, constituindo, assim, uma dialética na qual sempre podemos aprender com os outros sujeitos que constituem a sociedade e, em nosso caso, que constituem o espaço escolar.

A MÚSICA COMO RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Estamos a viver em uma sociedade cada vez mais “conectada” e sem estímulo para estudar, onde as informações são transmitidas de forma rápida e sem nenhum olhar crítico ou análise de como o aluno aprende as informações durante a aula. Todavia, embora a linguagem escrita ainda possua grande importância na disseminação de informações, percebemos que a linguagem auditiva tem progressivo desenvolvimento na aprendizagem.

É interessante também entender a crise educacional a partir da estrutura das escolas. A imagem de crianças e jovens separados por turmas, onde em um determinado tempo de aula professores saem e outros entram. E no silêncio entre uma explicação e outra feita pelo

professor, os alunos apenas guardam o que foi dito e transcrevem as palavras da lousa para o caderno para reproduzir nos exercícios e provas e depois esquecer.

O aluno deve ser ativo e participativo na construção do seu próprio conhecimento, e entende-se que isto é um fato que deve ser estimulado independente da sua idade. Desta forma o professor deverá ser um agente incentivador nesta construção. A música pode ser um ótimo estímulo, pois permite o aluno por si só tenha a percepção do objeto de estudo e tire as suas próprias conclusões através daquilo que ele percebe. Como menciona Kebach (2013, p. 17 *apud* TAVARES et al., 2017, p. 2),

A musicalização desenvolve na criança além do conhecimento musical, a concentração, a coordenação motora, a socialização, a acuidade auditiva, o respeito a si próprio e ao grupo, o raciocínio, a afetividade e inúmeros outros atributos que colaboram na sua formação. Música é forma de expressão, é desenvolvimento estético, manifestação cultural e, portanto, ter acesso a esse conhecimento é tão importante quanto ter acesso a qualquer outro.

O objetivo do professor relativamente ao ensino aprendizagem da música é ao estudante e não a música, ou seja, que possa proporcionar meios e motivações para desenvolver a expressão e uma adequada aprendizagem. Entretanto, é importante enfatizarmos que ainda é uma área pouco discutida no interior da ciência geográfica, fazendo com que o nosso trabalho de intervenção no espaço escolar fosse ainda mais significativo, pois muitos alunos(as) e professores que nunca tinham se deparado com o termo e com as possibilidades da música no Ensino de Geografia.

Neste sentido, atribuir que a música, uma vez sendo uma forma de arte acompanha historicamente o desenvolvimento da humanidade, e está sempre presente no nosso cotidiano. Pois, esta é uma arte que vem sendo esquecida, mas que deve ser retomada nas escolas, uma vez que propicia ao aluno uma aprendizagem emotiva com o meio que a envolve. Além disso, na sala de aula, a música poderá auxiliar o discente de forma mais significativa e motivadora nas suas aprendizagens.

De acordo com Torres (1998, p. 20 *apud* SILVA, 2012, p. 35), a música é um instrumento essencial para a formação do ser humano, ou seja, é “[...] um contributo para a formação geral da personalidade da criança: formação auditiva, psicomotora, intelectual, socioafectiva e estética”. A aula deve ser um ponto de encontro de saberes em que a criatividade de todos do grupo se entrelacem em favor do desenvolvimento de cada aluno e do professor numa relação refletida e atenciosa, não sendo notório estabelecer onde a função do docente começa e a do educador acaba.

Cabe à escola e o professor, assumirem o papel de criar condições que promovam a relação entre a criatividade e o ensino, de forma natural, mas que ajude a perceber, facilitar e

aperfeiçoar a interação entre alunos e professor em prol de uma educação ativa e dinâmica. “O professor tem o dever de contribuir para o crescimento do aluno. Crescimento intelectual e como pessoa. Tem o dever de contribuir para a aprendizagem da autonomia pelo aluno”. (SANTOS, 2007, p. 26 apud SILVA, 2012, p. 40).

O professor munido de textos e outras ferramentas pode trabalhar a música para definir de espaço geográfico como localização, tempo, costumes, e outras séries de fatores. A interpretação que os alunos fazem das músicas revelam seu senso crítico e o sucesso dos objetivos propostos por essa metodologia de trabalho, uma vez que demonstraram entendimento da mensagem, conseguindo fazer uma relação com seu cotidiano.

A realidade dos alunos reflete na sua aprendizagem e é preciso entender para criar meios que permitam esse processo acontecer, pois diante de tantas alterações físicas e emocionais, muitas vezes não conseguindo conter ou canalizar tanta energia, iniciam-se os confrontos com pais, professores e até com colegas. A ação do professor deve impor limites e possibilidades aos alunos, fazendo com que estes percebam o professor como alguém que, além de lhe transmitir conhecimentos, preocupa-se com a apropriação dos mesmos, compromete-se com a ação que realiza, percebendo o aluno como um ser importante, dotado de ideias, sentimentos, emoções e expressões. Neste âmbito, segundo as palavras de SILVA (2012, p. 47),

A música poderá funcionar como o barro, ou seja, deverá ser moldada pelo professor, no modo como ensina, no modo como interage com as crianças, no modo como decorre a aprendizagem das mesmas, fazendo chegar a estas a tal melodia pretendida, a tal moldagem de ensino e professor criativo, expressivo e dinâmico, para que a música chegue à criança e entre no seu consciente de forma, a que se sinta motivada à participação de novos desafios em sua vida.

Embora a música não seja um recurso obrigatório, ela se constitui como uma ideia importante dentro da prática docente e pode ser utilizada para ilustrar/reforçar um conteúdo ou iniciar uma discussão/debate a respeito de um tema a ser trabalhado ou que já foi, - construindo um ambiente onde os alunos possam se sentir atraídos pela proposta dos professores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O processo ocorreu por meio da construção de paródias, devido à dificuldade de todas as três (3) turmas em compreenderem os conteúdos associados ao cotidiano/realidade dos mesmos. Nesse sentido, elaboramos paródias de autoria própria sobre dois capítulos do livro didático nos quais demonstraram maior complexidade, comprovados mediante as notas nas avaliações bimestrais. A primeira paródia intitulava-se como “Recursos Naturais”,

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

modificação da versão original da música “Fico assim sem você”, com autoria de Claudinho e Bochecha; A segunda, como “Região Centro-Oeste”, sendo a adaptação da música “Shape off you”, do cantor Ed Sheeran.

No momento de aplicação das paródias, propusemos aos alunos uma atividade relacionada ao que tinha sido visto ao longo da aula e eles teriam que apresentar as suas respostas, de forma escrita, em relação às seguintes perguntas: (a) O que você aprendeu com a paródia? (b) Qual a compreensão sobre a importância dos recursos naturais? (c) E, por fim, qual sentimento despertado em você na letra da música?. Relatando-se, então, que aprenderam o dobro do que tivesse sido apenas uma aula “normal” como todas as outras.

Ademais, foi possível observamos a utilização de recursos didáticos como maneira de tornar a aula de Geografia mais dinâmica e significativa como exemplificado pelas respostas concedidas pelos alunos entrevistados. Ao serem questionados sobre a sua utilização, muitos alunos afirmaram que essas metodologias tornam mais simples o que está sendo estudado, além de proporem a modificação da letra por eles mesmos para possibilitarem a aprendizagem de outros assuntos antes não entendimento pela turma pela forma tradicional.

A turma mostrou bom desempenho nas atividades e entendimento referente a tudo que havia sido exposto anteriormente através diálogo entre o professor e os alunos. Segundo este autor, “[...] a escola precisa conhecer melhor seus alunos e profissionais para, assim, escolher as suas melhores ferramentas de apoio com vista a uma aprendizagem significativa e à formação de cidadãos pesquisadores” (AQUINO JUNIOR, 2010, p. 82).

Neste sentido e compreendendo que a escola precisa se adaptar aos contextos segundo os quais ela se encontra inserida, enfatizamos que a escola, atualmente, é um espaço que “extrapola” os seus próprios limites, tendo como base o desenvolvimento tecnológico e a utilização da música, na qual os próprios utilizam como forma de resistência dentro da periferia. As alunas participam de projetos de dança presentes no próprio bairro em Fortaleza - CE durante as horas livres depois do turno normal de aula, geralmente com estilos musicais de Funk, K-POP e HIP-HOP, criando grupos de dança dentro da escola juntando os demais colegas que se encontram em situação de conflito, além de ser uma maneira de se divertirem.

Sendo assim, a música em forma de paródias foi o recurso que permitiu englobar o contexto em que vivem esses jovens, além de aproxima-los de um meio em que eles já tinham contato e interesse. O jovem, ao familiarizar-se com determinados objetos, sons, acontecimentos ou comportamentos por parte de quem o educa, vai assimilando, adquirindo conhecimentos sobre o mundo que o rodeia, enriquecendo deste modo a sua aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação é uma ferramenta que tem por objetivo a interação social e cultural, como parte da construção de valores individuais e coletivos. Mas será que o ser humano algum momento se questionou a respeito de qual a função da educação: seria preparar para o mercado de trabalho, assegurando profissionalização? Dar uma visão mais humanista? Ou devemos fornecer uma educação desvinculada desse compromisso? Seja qual for a resposta, ela nunca será neutra.

Sendo assim, a escola é um espaço da prática social no qual os diferentes agentes que atuam em sua construção e manutenção encontram-se inseridos nos mais diversos contextos da vida humana. Em virtude de suas origens associadas à Educação e a população intimamente ligada, precisamos entender como esse espaço se coloca frente às diversas transformações tecnológicas que influem diretamente em sua organização e na realização de suas atividades.

É importante compreender como o espaço escolar é “atingido” por diferentes situações que recorrem à utilização dos recursos didáticos, podendo ser encontrado ainda existem muitas dificuldades para a completa inserção de tais ferramentas no âmbito escolar, seja por causa de dificuldades impostas por uma infraestrutura precária das escolas, por políticas governamentais insuficientes para a implementação de tais recursos ou pela própria formação profissional do professor, a qual é pautada, muitas vezes, em moldes tradicionais e conservadores.

Não estamos a negar ou desmerecer a utilização de recursos primários como o quadro-branco, o pincel e o próprio livro didático, mas a construção de um diálogo entre tais métodos e os variados tipos de recursos didáticos que facilitam o ensino e a aprendizagem. Entretanto, devido a maior popularização desses recursos entre crianças e jovens, descobrimos, com base em nossas experiências de intervenção, que tais recursos podem ser utilizados tanto dentro quanto fora de sala de aula.

Constatamos que a utilização da música tem potencial para propor um Ensino de Geografia atrativo e diferenciado, dados os resultados obtidos nas intervenções realizadas na escola e as respostas obtidas de questionários aplicados com alunos e o Professor de Geografia. Ao utilizar-se de paródias de autoria própria para expor pensamentos, conhecimentos e reflexões sobre o espaço vivido, os alunos tiveram uma maior propriedade de fala, embora o seu embasamento teórico sobre Geografia não tenha sido o mais adequado.

Ademais, acreditamos que ainda exista um longo caminho para a total incorporação dos recursos didáticos no espaço escolar, bem como da real capacitação de professores e gestores para o trabalho com essas ferramentas, pois, em algumas escolas, a utilização da música é praticamente escassa. A ligação estabelecida entre a universidade e a escola de ensino básico é fundamental para a formação do futuro profissional e a formação continuada do professor em exercício, sendo uma característica fundamental para o trabalho com tais recursos no espaço escolar.

REFERÊNCIAS

AQUINO JUNIOR, José. O aluno, o professor e a escola. *In*: PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão; MALYSZ, Sandra T. (org.). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 78-85.

COUTINHO, Joseane Scheila. Alternativas metodológicas para o ensino da Geografia nos anos finais do ensino fundamental. **OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE**, Paraná, v. 1, ISBN 978-85-8015-080-3, p. 1-32, 2014. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_ufpr_geo_artigo_joseane_scheila_coutinho.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018.

FERREIRA, Martins. **Como usar a música na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2001.

OLIVEIRA, Hélio Carlos Miranda de; SILVA, Marcelo Gonçalves da; NETO, Aristóteles Teobaldo; VLACH, Vânia Rubia Farias. A música como um recurso alternativo nas práticas educativas em Geografia: algumas reflexões. **Caminhos de Geografia**, v. 8, n. 15, p. 73-81, 2005.

LINHARES, P.; IRINEU, T.; SILVA, J.; FIGUEREDO, J.; SOUSA, T. A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA, ALUNO, ESTÁGIO SUPERVISIONADO E TODO O PROCESSO EDUCACIONAL NA FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR. **Revista Terceiro Incluído**, v. 4, n. 2, p. 115-127, 30 dez. 2014.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. V. **Técnicas de pesquisa**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2009.

ROSSI, D. F. **A importância do estágio supervisionado**. São Paulo: ETEC de Tiquatira, 2012. Disponível em: <<http://www.etectiquatira.com.br/estagio.pdf>> Acesso em: 15 nov. 2018.

SILVA, Carlos M. Tornar-se professor: desenvolvimento curricular e construção do conhecimento profissional: estudo da formação de professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico na Universidade do Minho. 2011.

SILVA, Paula Cristina Viveiros da. **A música como veículo promotor de ensino e aprendizagens**. Ponta Delgada: Universidade dos Açores. 2012. IX, 95 f.. Dissertação de Mestrado.

TAVARES, Nair Alves; KASPER, Franciele Sanmartin; MENDES, Andreza Freitas. Música como Recurso Didático. *In: Seminário Internacional de Educação - SIEDUCA*, n. 2, 2017, Cachoeira do Sul - Brasil. **Anais..** Cachoeira do Sul - Brasil, 2017, p. 1-6. Disponível em: <<https://www.ulbracds.com.br/index.php/sieduca/article/view/1198/189>>. Acesso em: 29 out. 2018.

VIEIRA, Carlos Eduardo; GOMES DE SÁ, Medson. Recursos didáticos: do quadro-negro ao projetor, o que muda? *In: PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão; MALYSZ, Sandra T. (org.). Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado. São Paulo: Contexto, 2010. p. 101-116.*